

O QUE PODE A PSICOLOGIA SOCIAL EM MEIO À PANDEMIA DO CORONAVÍRUS?

RENATA AZEVEDO PERES¹; ANDRESSA SILVEIRA DA SILVA²;
ÉDIO RANIERE³

¹*Universidade Federal de Pelotas – renata.peres@ufpel.edu.br* 1

²*Universidade Federal de Pelotas – andressa.silveira@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – edioraniere@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O que gostaríamos de apresentar aqui é um relato de experiência a respeito de uma ação realizada pelo LAPSO¹ - Laboratório de Arte e Psicologia Social da UFPel - para a comunidade de Pelotas. Esta ação foi nominada O QUE PODE A PSICOLOGIA SOCIAL EM MEIO À PANDEMIA DO CORONAVÍRUS? E aconteceu em parceria com o Núcleo Sul Sul da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), com o Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM/FURG) e o Núcleo de Estudos sobre o Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS/FURG). Formando um grande coletivo composto por estudantes de graduação e mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), psicólogas/os e professoras/es.

A ação começou a ser agenciada em maio deste ano a partir das reuniões de reestruturação do Núcleo Sul Sul² e foi organizada em cinco atos. Os quais foram divididos em experiências teóricas-afetivas - onde tivemos conversações e discussões - e experiências práticas-corporais - onde aconteceram encontros vivenciais.

As inquietações que abriram condições de possibilidade para a construção do que vai ser apresentado aqui emergiram a partir do questionamento constante do que a Psicologia Social poderia oferecer à comunidade durante o período pandêmico que estamos vivendo.

Em boa medida os problemas trabalhados pelo nosso coletivo vem sendo desde muito tempo enfrentados Psicologia Social Brasileira. Não são temas propriamente novos. Contudo, agora, por conta da COVID 19 algumas dessas questões tornaram mais sensíveis e complexas.

A Psicologia Social Latinoamericana e a própria ABRAPSO surgem com a intenção de contribuir e dar respostas aos problemas da nossa sociedade, marcada pela desigualdade social, miséria, violência e racismo (LANE & BOCK, 2003), ou seja, nossa tarefa é buscar caminhos que contemplem a realidade concreta do/no nosso país, estado e região.

2. METODOLOGIA

¹ O LAPSO - Laboratório de Arte e Psicologia Social está vinculado ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas. O Lapso produz suas ações de pesquisa, ensino e extensão agenciando a Psicologia Social à diversos campos, como a arte, a música, o teatro, a filosofia, entre outros.

² O Núcleo passou por uma reestruturação em março, já em período de isolamento, anteriormente era chamado Núcleo Pelotas.

Tomamos como agenciamento o método da cartografia, a qual possibilita acompanhar a passagem dos acontecimentos (BARROS & KASTRUP, 2010). A cartografia é uma prática singular que sugere outra forma ou modo de pesquisar, pois ao invés de buscar um resultado, uma conclusão, procura acompanhar um processo. Neste sentido, cartografar é identificar o mundo a sua volta através da experiência e dos processos de singularização na produção de subjetividades (GUATTARI & ROLNIK, 1996).

Assim, paisagens psicossociais são passíveis de serem cartografadas, a tarefa dos cartógrafos vai ser a de dar passagem aos afetos que perpassam tais paisagens (ROLNIK, 2014). A cartografia que apresentamos carregam consigo marcas dos encontros que a formaram e os elementos aqui produzidos são advindos dos registros dos diários de campo das/os autoras/es. Tal ferramenta possibilita uma análise crítica e afetiva dos movimentos vivenciados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Numa tentativa de se colocar diante a questão O que Pode a Psicologia Social em Meio a Pandemia do Coronavírus é que propomos a ação citada. Esta ação foi pensada em blocos, que por sua vez foram divididos em atos³. Realizamos cinco atos de maneira síncrona, via plataforma Meet, com o apoio da ABRAPSO Regional Rio Grande do Sul, e sem necessidade de inscrições prévias, visando proporcionar um espaço aberto ao diálogo e as contribuições espontâneas de quem participava do encontro.

A grande maioria dos convidados para as falas eram pessoas de fora da comunidade acadêmica da UFPEL, como por exemplo o cacique Guarani Eduardo V. Ortiz, além de professores de outras instituições. Tivemos a participação de 112 pessoas, entre essas psicólogas/psicólogos, estudantes de graduação e mestrado⁴ e comunidade em geral.

**O Que Pode a Psicologia Social
em Meio à Pandemia do Coronavírus?**

Programação		
11/08	Ato I: Psicologia Social e Saúde Coletiva Convidada: Profa. Dra. Simone Paulon Horário: 16h	04/09 Ato IV: Psicologia Social e os Processos Grupais em Meio à Pandemia Convidados: Integrantes do Canal Conta Comigo e Judete Ferrari Horário: 19h
21/08	Ato II: A Psicologia Social e os Povos Originários Convidado: Prof. Dr. Alfredo Gentini Horário: 18h	11/09 Ato V: Vidas Negras e Psicologia Social "Lutas Antirracistas e a Resistência Quilombola" Convidadas: Profa. Dra. Cassiane Paixão e Charlene Bandeira Horário: 19h
28/08	Ato III: Psicologia Social, Práticas Experimentais, Performances e Teatro do Oprimido nos Meios Virtuais Convidado: Sá Pretto Horário: 19h	Realização: Núcleo Abrapso Sul Sul Apóio: Abrapso Regional Rio Grande do Sul Promoção:

ATO I - Psicologia Social e Saúde Coletiva

O primeiro ato intitulado ‘Psicologia Social e Saúde Coletiva’ teve como objetivo discutir e viabilizar estratégias para promover o cuidado de forma coletiva

³Pensamos nossas atividades como uma obra de arte.

⁴ Algumas instituições presentes nos atos: PUCRS, FURG, Escola de Saúde Pública, PUC Campinas, etc.

em meio à pandemia do Coronavírus, onde o imperativo é o isolamento e o distanciamento físico. Nesse sentido, o encontro chamou a comunidade para fortalecer as redes de conversações, no intuito de refletir sobre a produção de uma outra dimensão coletiva, pautada em uma política dos afetos, que visa transformar os modos de vida os quais estávamos habituados a ter antes da pandemia.

No contexto da saúde coletiva, destacou-se a questão da dimensão pública da saúde coletiva do nosso País, salientando o entendimento de que a saúde não é um atributo individual, restrito a um corpo biológico, visto que há uma dimensão social que implica nas condições de vida de cada um. No campo interventivo, de um plano coletivo, destacou-se a defesa do SUS como um Patrimônio Nacional, tendo em vista o incentivo a saúde, além da importância do fortalecimento das redes de cuidado, tão necessárias neste período de isolamento social. Por fim, refletimos sobre o papel da arte no cenário atual, vista como uma forma de produção de vida.

ATO II - Psicologia Social e Povos Originários

O segundo, ato intitulado ‘Psicologia Social e os Povos Originários’, teve como objetivo discutir ferramentas para se pensar uma Psicologia Social desde às cosmologias indígenas, neste ato tivemos a oportunidade de conhecer e aprender junto a um cacique Guarani Eduardo V. Ortiz, que compartilhou um pouco dos conhecimentos milenares de seu povo e a participação do professor aposentado de Psicologia Transcultural, Alfredo Gentini. O encontro evidenciou a importância da palavras para os povos indígenas, especialmente para os povos Guaranis, bem como a relação ética frente à terra e aos seres vivos.

ATO III - Psicologia Social, Práticas Experimentais, Performances e Teatro do Oprimido nos Meios Virtuais

O Ato/Ritual III foi uma experiência que buscou testar os limites e, principalmente, as potencialidades das práticas corporais-coletivas nos meios virtuais. Para nos dar a pensar o corpo, convidamos a multiartista Sá Pretto, coringa do Teatro do Oprimido e Performance. Dentre os relatos dos espectadores⁵ destacamos a necessidade física “do corpo pedindo um ritual”, tanto como a urgência, nesses dias pandêmicos, da troca de experiências artísticas que exploram o corpo, a sensação e o toque, mesmo que de forma virtual.

ATO IV - Psicologia Social e os Processos Grupais

A questão de quais as possibilidade e pistas de como operar com grupos pairou em todas as reuniões do Núcleo Sul Sul. O Ato IV foi o agenciado de modo tentar criar linhas de pensamento, contando com a participação de pessoas que, desde o início da pandemia, se lançaram nesse campo dos grupos em meios virtuais. A frase, dita durante o encontro, que fala sobre esse Ato é que “os afetos não se isolam”, evidenciando que, mesmo na solidão de nossas casas, é possível fazer circular vida e criar redes afetos por meio das tecnologias virtuais. Além disso o encontro destacou que essas tecnologias, esses cenários, pertencem a todos.

⁵ Palavra que junta espectadores e atores, forjada por Augusto Boal.

Trabalhamos também de modo a pensar o quanto ferramentas digitais podem nos auxiliar a colocar em evidência e protagonismo os usuários, garantindo que sejam agentes do seu processo de produção de saúde.

ATO V- Vidas Negras e Psicologia Social “Lutas Antirracistas e Resistência Quilombola”

No quinto e último Ato do Bloco tivemos uma roda de conversa sobre as lutas antirracistas que vem acontecendo em especial, no espaço das universidades. As convidadas, a Profa. Cassiane Paixão e a formanda em Psicologia Charlene Bandeira, ao situar suas trajetórias antes de ingressarem na Universidade, mostraram a importância desses coletivos para permanência da comunidade nos espaços acadêmicos.

4. CONCLUSÕES

Esse projeto, portanto, tem a intenção de demonstrar as possibilidades de contribuições da Psicologia Social diante deste contexto pandêmico, onde estamos constantemente buscando novas maneira de nos adaptar e de reinventar espaços para se pensar o cuidado coletivo. Ao testar as ferramentas onlines como um espaço de experimentação, desde suas potencialidades e seus limites, criamos diversos caminhos que nos levaram a dar condições de possibilidades para que pudéssemos trabalhar com grupos durante a pandemia. Esta vivência desencadeou diversas questões sociais e pessoais que nos permitiram produzir um processo ético, estético e político junto a outros(as) trabalhadores(as), estudantes, profissionais, pesquisadores, etc. Desse modo, aos poucos, fomos criando juntos novos sentidos para se pensar os processos de subjetivação coletivos que repercutem no nosso compromisso social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, L.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 52 - 75.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S.. **Micropolítica:** cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

LANE, S. T. M., & BOCK, A. M. B. ABRAPSO – uma história da psicologia social enquanto práxis. In.: A. M. Jacó-Vilela, M. L. Rocha & D. Mancebo (Orgs.). **Psicologia social: relatos da América Latina** (pp. 145-155). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental:** transformações contemporâneas do Desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.